

Editorial

Nas últimas décadas temos assistido no Brasil uma importante mudança social, especialmente no que diz respeito à difusão dos conhecimentos na área da sexualidade humana. Para os que já tem algum tempo de "estrada", estas mudanças são evidentes. Apenas para citar um fato, quando organizamos o I Encontro Nacional de Sexologia, em São Paulo, em maio de 1983, tivemos dificuldades em completar o quadro dos docentes no evento, pois o número de pessoas que então estudavam a sexualidade humana era bastante reduzido.

Felizmente as coisas mudaram. Multiplicam-se os Centros de Estudos que se dedicam ao tema, o número de clínicas voltadas para o tratamento das disfunções sexuais se multiplica e até o governo, em seus diferentes níveis, tem se preocupado com a temática da Educação Sexual.

Claro que num setor de desenvolvimento tão rápido, existem algumas distorções. Profissionais com baixa qualificação e discutível senso ético, por exemplo, ou mesmo programas de "educação sexual" que na verdade se propõe a apenas reprimir as manifestações da sexualidade. Mas essas excessões não apagam o fato indiscutível de que a sexualidade tem sido mais estudada e melhor compreendida em nosso meio.

No campo da Educação Sexual, especificamente, tem ocorrido aos que militam na área uma séria preocupação. Encontra-se em fase final de implantação, pelo Ministério da Educação, um conjunto de normas que tornam obrigatória a inclusão da Educação Sexual como tema transversal, nos currículos escolares.

Trata-se de medida altamente elogiável e longamente esperada pelos profissionais da área. Sua forma de implantação, no entanto, nos deixa uma dúvida. Imaginando-se que a lei "pegue" (sim, porque no Brasil existem leis que "não pegam"), de onde as milhares de escolas existentes no país vão tirar os milhares de educadores adequadamente preparados necessários para a implantação, execução a controle do processo? Aliás, como caracterizar esses profissionais? Como prepará-los? Como selecioná-los?

Parece-nos que o processo foi invertido, pois se tivéssemos o número de educadores adequadamente preparados requerido, há muito teríamos corrigido uma série de distorções.

Em nossa maneira de entender, seria necessário primeiro que se definisse exatamente o que é um Educador Sexual, quais os conhecimentos e posturas que dele se esperam e, principalmente, que fornecessem os meios para prepará-los adequadamente.

Como estão sendo levadas as coisas, corremos o risco de ver os postos preenchidos por pessoas preconceituosas, e mal preparadas, que conduzirão o processo de maneira inadequada e, quando dentro de alguns anos se fizer uma reavaliação dos resultados, poder-se-á concluir que essa "Educação Sexual" não teve qualquer sucesso em combater preconceitos, promover um exercício mais responsável da sexualidade, enfim, em facilitar aos educandos. Seria uma triste ironia se tal acontecesse.

Parece-nos algo a ser pensado...

Nelson Vitiello
Editor